

1. AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO CAMPO CIENTÍFICO: UM LUGAR PROBLEMÁTICO

José Rodrigues ds Santos¹

Uma tentativa de contextualização como a que julgamos necessária, por mais modesta que a queiramos tem, em rigor, que assentar os seus primeiros passos na definição de "ciência", de pensamento científico, em contraste com todas aquelas actividades intelectuais que estas expressões não abrangem. De facto, a experiência pedagógica mostra que uma simples definição operacional das CS, se alimenta a ilusão de ganhar tempo, depressa produz consequências indesejáveis ao nível da compreensão pelos estudantes da natureza da tarefa que nos propomos ao introduzir às CS. Serão as CS "verdadeiras" ciências? Se o são, porque são tão diferentes? Em que consiste exactamente tal diferença e que consequências tem para o exercício da prática científica? É óbvio que teremos que iniciar o trabalho situando as ciências num espaço mais alargado; podemos, em definitivo, adoptar uma esquematização em círculos concêntricos. No mais vasto incluiríamos todas as actividades intelectuais criativas, individuais e colectivas, que se manifestam nas sociedades humanas². Neste vasto conjunto seríamos então confrontados com a necessidade de fundamentar a distinção entre pensamento científico e "ciências", por um lado, e outros tipos, quaisquer, de pensamento e respectivas formações intelectuais, práticas e sociais de actividade criativa (formações prático-discursivas artísticas, religiosas, políticas, de senso comum, etc.).

Foi o que nos incitou a introduzir no início do Programa uma breve secção sobre a noção de ciência, o que é, aliás, uma opção corrente neste tipo de ensinamentos.

Nela assumimos uma posição restritiva quanto à definição de "ciência" tanto em *intensão* como em *extensão*. Pareceu-nos, com efeito, perigoso encetar o trabalho a partir de acepções demasiado largas de "ciência" e de "pensamento científico", visto que, se para o ensino de disciplinas como a Física é hoje algo indiferente que escolhamos dizer que existia ou não uma Física *científica* na

¹ Universidade de Évora, CIDEHUS, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades

² Com todo o rigor, não fora a ascensão em termos de espaço e de aprofundamento que aqui nos impomos, o adjectivo deveria ser dispensado, pois todas as sociedades (incluindo as não humanas) produzem e assentam em actividades intelectuais com alcance cognitivo, mais ou menos embrionárias.

Antiguidade clássica, de tal modo a Física actual pode exercer-se sem referência directa, técnica e eficaz à Antiguidade (embora a compreensão da História das disciplinas seja sempre importante), o mesmo não podemos pretender quando se trata das CS. Uma acepção lata arriscaria agravar uma confusão já presente, quanto à constituição das CS enquanto ciências, enquanto formações distintas de outros discursos sobre o social. Essa outra escolha carregar-nos-ia com uma pesada tarefa de identificação de "precursores", da descrição, numa história das ideias, de formas pré-científicas "anunciadoras" das futuras ciências, e ignoraria a vantagem heurística da identificação das descontinuidades, das rupturas, que fundam as ciências modernas, mesmo tratando-se das CS, que M. Foucault tão eficazmente advogou na *"Arqueologia dos saberes"* (Foucault 1969).

Uma definição restritiva tem portanto uma importante vantagem: ela chama a atenção para uma série de critérios exigentes, comuns a todas as ciências modernas, que, sem estabelecer uma barreira intransponível entre ciência e não-ciência, nem pretender que não há conhecimento nem produção de conhecimento fora das ciências, admite ainda assim que as ciências são "formações discursivas" (Foucault 1966), (Foucault 1969) e práticas (LATOUR 1991), (LATOUR 1994)) nitidamente diferenciadas das outras formas culturais.

Para os estudantes dos primeiros anos universitários (e sobretudo, paradoxo admirável³, para os que frequentaram as opções "científicas" no ensino secundário), todavia, a estrutura do campo científico no seu conjunto, o que alguns autores designaram como "o sistema das ciências" e nós poderíamos aqui, mais prudentemente⁴, chamar a organização das ciências no campo científico, não beneficia de uma compreensão clara e ordenada. Porque é que existem diferentes ciências, por exemplo a Física e a Química? Porque necessitamos de construir uma Biologia, se já possuímos as duas anteriores? Por que razão não se reduzem, ou reconduzem, a Química à Física, cada uma das ciências à sua vizinha "mais fundamental" e as CS à Biologia? Estas questões mergulham os nossos estudantes numa profunda perplexidade.

³ Paradoxo que nos diz mais sobre a maneira como as ciências são ensinadas e aprendidas que a consulta de todos os programas e manuais em uso nas escolas.

⁴ Não vá o conceito de "sistema" ser entendido num sentido forte, que pressupõe uma organização unitária e coerente do conjunto do espaço das ciências, o que é manifestamente excessivo.

Foi essa constatação que nos incitou a incluir no Programa uma dupla exposição: sobre o lugar relativo das diversas ciências no espaço científico, ou, se preferirmos, sobre o modo de construção deste espaço com recurso à noção de "níveis fenomenológicos" e sobre o uso do conceito de "social" enquanto instrumento transversal, atravessando as diversas escalas de observação.

Embora, de certo modo, estejamos a introduzir novos problemas (e não menos difíceis), para tratar os primeiros, mostra a experiência pedagógica que uma apresentação, ainda que simplificada, da noção de "nível fenomenológico" contribui para uma melhor percepção, por parte dos alunos, do lugar que as CS ocupam no espaço das ciências, em relação aos outros tipos de disciplinas, enquanto a construção de um conceito estrutural, por seu turno, facilita a sistematização das noções. Mas não é por este debate que começaremos o exame do campo das CS. Importa, antes, mostrar a que ponto a questão da posição das CS no campo científico em geral e da posição das ciências "sociais" relativamente às ciências "humanas" revelam não só dificuldades de monta – o que não é novo e, em si, também não tem grande interesse – mas revela uma grave lacuna da epistemologia das ciências nestes domínios. Conquanto a existência de lacunas e até de incoerências na epistemologia de um determinado domínio científico seja um facto trivial, o certo é que a pedagogia das ciências deve ter em consideração tal facto, se não queremos que os estudantes sejam induzidos em erro pela apresentação lisa, expurgada das limitações próprias ao trabalho científico, adoptando uma visão ingenuamente positivista. Frágil, um ensino desta índole expõe-se a perder credibilidade quando os alunos, por si próprios, descobrem as lacunas e as incertezas que marcam saberes que lhes terão sido apresentados sem reflexão crítica.

Que o recorte e a organização de um campo científico (aliás múltiplo) sejam questões controversas, o estudante depressa o admitirá ao percorrer as sucessivas tentativas de classificação das disciplinas. Que elas sejam essenciais, colocando em jogo a construção dos objectos, a posição relativa das ciências, e o estatuto epistemológico dos seus métodos, será porventura menos evidente. O que é também irrecusável é que a ausência de definição criteriosa (lógica, simples, operatória) das ciências "sociais" e/ou "humanas" na abertura das obras introdutórias, seja porque os autores renunciam a tarefa demasiado árdua (o que não deixa de ser significativo), seja porque simplesmente não vêm a importância que assume a questão para um principiante, deixa este último entregue às representações de senso comum.

Como veremos, o trabalho de definição passa, primeiro, pelo abandono provisório do processo de adjectivação (ciências *sociais*, ciências *humanas*) em benefício da designação do tipo de fenómenos que constitui a "matéria-prima" a partir da qual essas ciências constroem os seus objectos; em seguida, pelo recurso à noção de níveis fenomenológicos e, enfim, numa perspectiva transversal, pela construção do conceito de "social" como estrutura de relações *sui generis*, presente em múltiplos níveis de realidade.

2. "CIÊNCIAS SOCIAIS" E CIÊNCIAS HUMANAS", E A QUESTÃO DAS DISCIPLINAS

Se considerarmos que ao adjectivar o termo "ciências" como "sociais" ou "humanas", estamos a designar um subconjunto de disciplinas no elenco total das ciências, coloca-se, em primeiro lugar, a questão da pertinência da observação por assim dizer separada, dos fenómenos sociais, por um lado, dos fenómenos próprios das sociedades humanas, por outro: não serão estas estritamente da mesma ordem que as sociedades animais? E estas não constituem objectos do estudo biológico? Essas questões podem ser reformuladas, tendo em conta fenómenos emergentes que temos hábito de considerar como especificamente humanos, do modo seguinte: não será o social humano, enquanto fenómeno moldado pela Cultura, um tipo de fenómenos que importa considerar de maneira adequada, ou seja, *sui generis*? Estas questões ganham em ser tratadas sucessivamente.

2.1. *Situar a diferença humana⁵ enquanto problema*

A primeira concerne à relação existente entre socialidade animal e socialidade humana. Com toda a evidência, não sendo a socialidade uma propriedade exclusiva da espécie humana, é necessário fundamentar a construção de CS centradas na humanidade numa descrição minuciosa dos determinantes comuns a toda e qualquer socialidade; é sobre esse pano de fundo que importa identificar a especificidade da socialidade humana: em que é que as nossas sociedades se afastam do fundo comum? Formas de cooperação, de competição, de dominação, formas de "sociação", para recorrer à expressão de Simmel, estão presentes em todas as sociedades animais. Uma corrente mais recente tende a utilizar um conceito de índole quantitativa, a "ultrasocialidade", para qualificar certas formas, particularmente intensas, de vida social: ora a ultrasocialidade não é exclusiva da humanidade.

A segunda questão lida com a noção de "Cultura" e formula-se simplesmente em dois patamares: será que a Cultura representa um nível fenomenológico *sui generis*, distinto do social? E se respondermos afirmativamente, será a Cultura exclusiva da espécie (das sociedades) humana(s), fornecendo por conseguinte

⁵ Ver Tinland, F. (1977). La différence anthropologique. Essais sur les rapports de la nature et de l'artifice. Paris, Aubier-Montaigne..

o critério que permite distinguir com rigor a espécie humana das outras espécies animais?

Não nos parece ser possível hoje em dia dar sentido a um ensino introdutório às CS sem caracterizar as relações entre socialidade animal em geral e socialidade humana, ou, para utilizar a expressão de F. Tinland, sem caracterizar a "diferença antropológica" (Tinland 1977) (Lestel 1996), situando-a no fundo comum de toda e qualquer socialidade. Talvez seja essa uma das lacunas mais chocantes em muitos manuais introdutórios, pois tudo o que pode ser dito da socialidade em geral deve ser dito, sob pena de orientar os estudantes para uma concepção das sociedades humanas como fenómenos separados, absolutamente originais, sem fundamento biológico (ou ecológico) e até sem parentesco com as sociedades animais.

Assim, tanto as componentes fundamentais da relação social (comunicação, cooperação, dominação), como numerosas características das sociedades em geral (formas de sociabilidade, grupos, hierarquias, conflito e exclusão, etc.), desempenham um papel importante nas sociedades humanas. Em nosso entender, a opção, tão frequente, que consiste em abordar directamente o estudo das sociedades (humanas), sem situá-las em relação de pertença comum e de contraste relativo com as sociedades animais impede a formação de um conceito de socialidade suficientemente sólido para fundamentar o estudo das CS.

A questão da diferença introduz-nos à procura da natureza dos fenómenos que tornam as sociedades humanas tão diferentes. A noção de "Cultura" tem sido a ferramenta favorita a que recorrem os autores preocupados em fundamentar a distância que existe entre sociedades animais e humanas (Mercier 1968). Colocados pelas nossas escolhas precedentes perante a necessidade de oferecer aos alunos principiantes uma definição de "Cultura" que evite ao mesmo tempo o simplismo e a excessiva complexidade, procuramos uma formulação esquemática.

Tal definição poderia ser reduzida a dois elementos: a constituição de uma *memória semântica*⁶ colectiva (interna e externa) e a sua *transmissão*. Esta

⁶ Memória *semântica*, pois a memória biológica é transmitida pelos mecanismos genéticos; e enquanto estes podem garantir a transmissão de caracteres sociais, permanecem ainda assim "encapsulados", não permitindo por si sós a transmissão de memórias adquiridas pela experiência dos organismos individuais aos seus contemporâneos e ainda menos às gerações seguintes.

pode processar-se a dois níveis: a transmissão entre indivíduos em interacção directa (contemporâneos) e a transmissão entre indivíduos sem interacção *directa* (nomeadamente *entre gerações* não contemporâneas) Se a considerarmos como um conjunto de fenómenos que emergem em contexto *social* (e apenas em tal contexto), poderemos ainda alimentar algumas dúvidas quanto à exclusividade humana do seu surgimento em contraste com as sociedades animais, antes de atingir o desenvolvimento que sabemos nas sociedades humanas (Lestel 2001). A etologia tem pois vindo, pacientemente, a tornar a suposição de exclusividade humana dos fenómenos culturais cada vez menos verosímil, admitindo, como Lestel que "les comportements culturels ne constituent pas une rupture propre à l'humain, mais (...) émergent progressivement dans l'histoire du vivant", o que exige que tomemos em consideração um universo de fenómenos muito mais vasto que o que abrange a definição (ou indefinição) habitual. Mais que os conteúdos, devemos pois considerar os *modos de transmissão* dos saberes adquiridos (transmissão indirecta, em parte pelo menos independente da observação directa e da imitação) que determinam a cumulatividade e, sobretudo, o seu veículo privilegiado: no caso dos humanos, a linguagem articulada.

A noção de nível fenomenológico é portanto fundamental: será a Cultura um nível fenomenológico específico, justificando por isso mesmo a necessidade de ciências especiais, as ciências da cultura? Note-se que a resposta afirmativa a esta pergunta não pressupõe necessariamente que a Cultura seja própria e exclusiva da espécie humana⁷. É esta a via que convém seguir, como veremos, para dar conta da formação de dois sub-domínios científicos que, embora constantemente interrogados e problemáticos, se mantêm como dois pólos que parecem irredutíveis: as "ciências sociais" e as "ciências humanas".

2.2. Um problema de definição: de que falamos ao evocar as "Ciência Sociais" e/ou de "Ciências Humanas"?

Em primeira aproximação, é legítimo começar por referir a constatação que se impõe a qualquer estudante e bem assim a qualquer professor desejosos, um,

⁷ Podemos admitir, com S.F. Nadel, sem nos afastarmos do nosso ponto de vista, distribuindo os factos sociais e culturais humanos num plano a duas dimensões, que a "cultura" seria o conjunto dos factos sócio culturais projectado no eixo das *formas*, como a "sociedade" seria a projecção dos mesmos factos no eixo dos *grupos* ou da acção NADEL, S. F. (1970). La théorie de la structure sociale. Paris, Minuit..

de encontrar uma boa introdução geral às CS quando procede à leitura das apresentações que precedem numerosas obras introdutórias, o outro, quando elabora instrumentos que o apoiem na concepção do ensino. A definição do domínio ao qual se trata de introduzir, que começa, na maioria dos casos, por um elenco das "CS", apresenta-o como um conjunto de elementos cuja enumeração completa não parece necessária, se bem que se suponha que ela é possível. Na verdade, o que as listas incompletas (seguidas das expressões indeterminativas habituais – "etc.", "entre outras", "por exemplo"...) sugerem, é que se trata de uma tarefa fácil, simples, evidente e que seria portanto inútil repetir; a menos que se trate, ao invés, duma tarefa impossível. Adiante veremos alguns exemplos, tirados de obras com larga difusão, que ilustram tal situação.

Assim, Quivy e Campenhoudt, ao escrever um manual de investigação em CS (Quivy and Campenhoudt 1997), passam inteiramente em silêncio a questão de saber quais as disciplinas que consideram fazer parte deste domínio. Aos autores desta obra, cuja difusão é importante e tem tido uma larga aceitação em Portugal, pareceu inútil consagrar quando mais não fosse algumas linhas à sua enumeração. Mas a investigação a que se referem no título é, com toda a probabilidade, a que se pratica em Sociologia e não no conjunto das CS. Outro conceito abrangente, que ora se dá como sinónimo do de "CS", ora entende designar um conjunto distinto, secante em relação ao primeiro, tem sido utilizado como conceito difuso ("fuzzy concept"), ou simplesmente como noção genérica, é o de "Ciências Humanas" (CH). As disciplinas que os autores incluem nesta ampla categoria variam. Assim, B. Deshayes refere o exemplo do Quebeque, onde o "Programa revisto das ciências humanas no ensino colegial", que data de 1988, "agrupa certas disciplinas das ciências humanas, a saber: Administração, Antropologia, Civilizações Antigas, Economia, Geografia, Ciência da Religião, Ciências Políticas e Sociologia" (Deshayes 1997). A ordem alfabética introduz uma deliciosa desordem, que faz lembrar as enumerações de Jacques Prévert, ou de Georges Pérec. Se se trata de uma lista incompleta ("*certas* disciplinas"), resultante de escolhas cuja pertinência nos escapa totalmente, também é verdade que comporta enigmas que nos elucidam sobre a dificuldade do que está em causa.⁸ A presença da Geografia é, também ela, curiosa. Será a Geografia Física uma CH? Talvez, mas sê-lo-á apenas no

⁸ "Civilizações Antigas" (CA): eis uma interessante "ciência humana"! Mas o que será? Uma História das CA? Estudos de Literatura, de Arte das CA? Antropologia das CA? Ou tudo isso ao mesmo tempo?

sentido (provocatório) em que J.-M. Lévy-Leblond⁹, afirmava que “a Física é uma ciência social”, pondo deliberadamente em causa o corte “ingénuo” e falsamente evidente entre “ciências duras” e “ciências moles” (Beitone, Dollo et al. 2000). Beitone, Dollo e colegas intitulavam a sua obra (outro manual, uma síntese pedagógica) “*Sciences sociales*”, denominação genérica, mas seleccionavam um leque à primeira vista restritivo, cujo plano de conjunto distingue apenas a Demografia e a Sociologia. Contudo, a organização temática que adoptam assenta na identificação de domínios de fenómenos ou de problemas que, sendo sem dúvida pertinentes, representam uma enumeração casuística sem justificação lógica de conjunto¹⁰. É ao descrever a formação e a consistência de domínios de fenómenos especiais que surgem no seu texto as disciplinas científicas. Ao evocar temas como “Poder, Estado e instituições políticas” surge uma “ciência política” (que não se distingue da “sociologia política”), uma psicossociologia do comportamento eleitoral, etc. No plano adoptado, a “Cultura” exige uma introdução à antropologia cultural e à sociologia da cultura, mas também à psicologia social (considerando os processos de socialização). A história surge incidentalmente (como apoio prévio a uma “sociologia das religiões”), sem merecer uma introdução, mas nem a geografia, nem a economia, nem a linguística, nem a psicologia (salvo a já referida psicologia social), parecem ser necessárias para completar a perspectiva verdadeiramente abrangente que se pretende dar das CS: “um acesso sintético à sociologia e às disciplinas que lhe estão ligadas: demografia, ciência política, antropologia” (Beitone, Dollo et al. 2000). Destinado “aos estudantes de sociologia, de ciências económicas, de administração económica e social, e dos institutos de estudos políticos”, o manual pretende

⁹ Físico francês que dirigiu uma revista transdisciplinar de grande valor intitulada *Alliages*, e conduziu uma reflexão notável sobre as disciplinas científicas e a colaboração entre elas. Ver <http://www.tribunes.com/tribune/alliage/accueil.htm>

¹⁰ A lista completa (que é uma lista de capítulos) inclui: Demografia, “Poder, Estado e instituições políticas”, Sociologia, “Indivíduo e sociedade: a socialização”, “Estratificação social”, “Mobilidade social”, “Mudança social”, “Família e parentesco”, Sociologia da educação, Cultura, Sociologia do trabalho, Sociologia das religiões, “Consumo e modos de vida”, “Comportamentos políticos”, “Opiniões individuais e opinião pública”, “Idade e geração”, “Sociologia urbana e rural”, “Organização e empresa”, “Controlo social e desvio”, “Pobreza e exclusão social”.

proporcionar uma visão de síntese¹¹. O domínio das CS permanece um campo sem limites, cuja composição é incerta, tanto pelo que inclui como pelo que fica de fora, como acontece também na obra introdutória de Ph. Riutort (Riutort 1999). Uma dúvida percorre apesar de tudo estas introduções ao mesmo tempo gerais e abrangentes e é perante a necessidade de clarificação, que J.-F. Dortier recorre às divisões institucionais que, sendo decerto diferentes consoante os países e as tradições locais, assumem um carácter de constrangimentos materiais de que é difícil fazer abstracção. (Dortier 1998). Em guisa de síntese, o autor consagra um parágrafo à questão das denominações e da estrutura do campo:

« Sciences humaines, sciences sociales, sciences de l'homme?

Dans l'université française, le terme « sciences humaines » renvoie à un noyau formé autour de la psychologie, de la sociologie et de l'anthropologie. On y adjoint parfois la linguistique et l'histoire. Les « sciences sociales » désigneraient plutôt les sciences de la société *stricto sensu* : économie, sciences politiques, géographie, et, de nouveau, la sociologie. Pour dénommer l'ensemble, le département du CNRS concerné a choisi de se nommer « sciences de l'homme et de la société ». Aux Etats-Unis, où le terme de sciences humaines est très peu employé, on parlait naguère de *Social and Behavioral Sciences*. Mais depuis peu, c'est le terme de *Social Sciences* qui tend à s'imposer comme équivalent de sciences humaines. »

Como o autor claramente indica, as classificações institucionais integram tanto uma preocupação conceptual como uma necessidade prática de “arrumação” dos domínios de estudo, sem falar dos jogos locais de interesses académicos, que podem determinar a inclusão de uma disciplina ou de um grupo de disciplinas num ou noutra subconjunto, produzindo resultados contingentes, que seria vão tentar explicar em termos epistemológicos.

O que, após ter admitido a necessidade de clarificação, o autor parece aceitar, em desespero de causa, é contudo o abandono puro e simples da distinção, socorrendo-se nomeadamente da autoridade de J. Piaget:

« En fait, l'usage des termes ne peut pas être vraiment rigoureux car cela supposerait de tracer une démarcation rigide entre les domaines, les champs de compétence, ce qui n'est guère

¹¹ Mas no elenco dos destinatários surgem também os candidatos à “agregação” (curso para professores efectivos do ensino secundário) em “ciências económicas e sociais”, expressão institucional que sugere uma dualidade que põe problema (visto que pressupõe que “CS” e ciências económicas se excluem mutuamente...).

possible, car où commence l'homme, où finit la société ?

« On ne saurait retenir aucune distinction de nature entre ce que l'on appelle souvent les 'sciences sociales' et les 'sciences humaines', car il est évident que les phénomènes sociaux dépendent de tous les caractères de l'homme, y compris les processus psychophysiologiques et que, réciproquement, les sciences humaines sont toutes sociales par l'un ou l'autre de leurs aspects", écrivait Jean Piaget dans un livre lui-même titré... *Epistémologie des sciences de l'homme*. »

Plasmada na distinção institucional francesa e apesar das reservas formuladas, J.-F. Dortier reconhece pois a existência de dois “núcleos” de disciplinas:

- “*Ciências humanas*”, núcleo formado pela psicologia, pela sociologia e pela antropologia; “a elas se juntam por vezes a linguística e a história”.

- “*Ciências sociais*”, núcleo constituído pelas “ciências da sociedade *no sentido estrito*”, ou seja, “pela economia, pela geografia e, de novo, pela sociologia.”¹²

Como era necessário escolher, e apesar das observações inspiradas por Piaget, J.-F. Dortier decidiu intitular o seu livro “*Les sciences humaines: Panorama des connaissances*” (e não “*Ciências Sociais : panorama*”..., etc.). O leitor perguntará o que convém entender, segundo o autor, pelas “ciências humanas” (CH). Eis a sua lista: Antropologia, Linguística, Psicologia, Psicopatologia, Ciências cognitivas, Psicologia social, Sociologia, Economia, Pré-história, História, Geografia, Filosofia. Em suma, nada menos que três “psicologias”, duas “histórias”, e uma nova disciplina, as “ciências cognitivas”, cujo estatuto, no presente contexto, é incerto, apresentam-se ombro a ombro com as “clássicas” sociologia, antropologia, economia, geografia. Notável é a ausência da demografia¹³.

Uma das características comuns ao conjunto das obras introdutórias que citámos (amostra arbitrária que seria vão prolongar), é que a determinação do elenco de disciplinas que qualificam de modo genérico como “CS” não constitui nem o objectivo principal das obras (o que é aceitável), nem um ponto de partida susceptível de escorar a apresentação, antes parece ser apenas um ponto de passagem que, por ser impossível de escamotear, é objecto de uma

¹² Ao sublinhar a expressão “sentido estrito”, entendemos chamar a atenção para um problema que passa despercebido ao autor: porque é que as *outras* disciplinas – as CH – apenas são “sociais”... por extensão?

¹³ Ausente, também, a arqueologia.

escolha contingente, que não carece de justificação. Tal posição apresenta-se como a continuação de uma tradição. Se pusermos de lado as proclamações globais dos primórdios¹⁴, que tendem a "fundar" de modo nominal uma "Ciência Social" ou uma "Ciência do Homem" antes das (e englobando por antecipação as) diversas CS e CH, colocando-as sob o signo (e o império) de uma delas (sociologia, história, antropologia...), encontramos esta mesma opção em numerosos textos datados do período decisivo para o desenvolvimento destas disciplinas nos Estados Unidos e na Europa, os anos 60 e 70 do século passado¹⁵.

Mais perto de nós, um balanço da situação das CS redigido em 1990¹⁶ para uma enciclopédia que lhes consagra um espaço de grande relevo, reconhece que "segundo a definição que se adopta, podemos actualmente contar entre oito e catorze disciplinas reconhecidas nas ciências sociais – visto que certas instituições reconhecem algumas subdisciplinas como disciplinas de pleno direito", antes de admitir que os "contornos das disciplinas formais são na realidade fronteiras movediças e artificiais" (Dogan and Pahre 1990): 1119.

As disciplinas cujo perfil os autores traçam em seguida são... nove: filosofia, história, antropologia, geografia, psicologia, sociologia, ciência política, linguística, ciência económica. De fora fica (sem que se avance qualquer justificação para a lacuna), a demografia. Mas a lista que nos é proposta é suficiente para nela detectarmos a presença de ciências que em outros contextos seriam qualificadas de "humanas".

A dificuldade pode parecer superficial, e sê-lo-ia de facto se pudesse ser reduzida a uma questão, pior, a uma querela de pura terminologia. Mas basta que nos debrucemos sobre as tentativas mais aprofundadas de sistematização

¹⁴ Referimo-nos aos séculos XVIII e XIX, e mais ainda aos "precursores" que aos "fundadores".

¹⁵ Podemos referir, a título de exemplo das obras desse período aqui utilizadas, Aron, R. (1962). Dix-huit leçons sur la société industrielle. Paris, PUF., Bouthoul, G. (1950). Histoire de la sociologie. Paris, PUF., Mercier, P. (1966). Histoire de l'anthropologie. Paris, PUF., Gurvitch, G., Ed. (1962). Traité de Sociologie. Paris, PUF.. Estas referências, como se constata, limitam-se à tradição europeia. Se quiséssemos completar o panorama das CS dessas décadas integrando a rica tradição norte-americana teríamos que referir as "behavioral sciences", denominação que, ao colocar a tónica na noção de "comportamento", reduz a distância entre *acção* humana (motivada, integrando a subjectividade dos agentes) e comportamento animal, movimento dos corpos, observado do exterior, reduzido, no limite, a uma determinada relação entre estímulo e resposta.

¹⁶ *Encyclopaedia Universalis*, Symposium 2, Paris, 1990.

para nos apercebermos que ela ultrapassa claramente as questões de termos e concerne à conceptualização do campo das ciências que se consagram ao estudo dos fenómenos humanos, entre os quais os fenómenos sociais¹⁷. Duas destas tentativas merecem especial atenção, a de Claude Lévi-Strauss e a de Jean Piaget.

Podemos retomar a primeira a partir dos textos que Lévi-Strauss consagra à análise do domínio das CS e das CH e dos problemas que levanta a sua definição (Lévi-Strauss 1958), (Lévi-Strauss 1958), (Lévi-Strauss 1973) e a segunda a partir do livrinho de J. Piaget intitulado *A situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências* (Piaget 1970).

Na brevíssima apresentação que faremos destas teses, vamos considerar em primeiro lugar as perspectivas dos dois autores quanto á distribuição dos domínios de fenómenos e em segundo lugar as consequências que tiram das diferentes perspectivas metodológicas próprias às diversas ciências.

2.3. Domínios de fenómenos: um problema de relações entre conjuntos

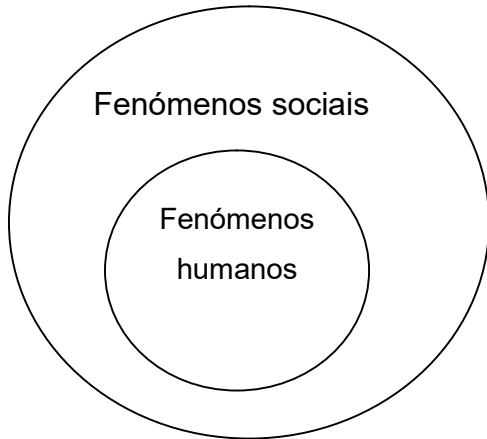
Conquanto devamos reconhecer o desejo de rigor e de sistematicidade que inspira o pensamento de C. Lévi-Strauss, o modo como tratou a problematização das ciências que nos ocupam revela-se, à distância de meio século, hesitante. Em 1954, a pedido da UNESCO, escreve um relatório no qual, logo no título, a antropologia cultural é considerada como uma "ciência social"¹⁸. "Tudo o que é humano é social, é a própria expressão "ciências sociais" que contém um pleonasma e que deve ser considerada como viciada. De facto, ao declarar-se "sociais", elas implicam desde logo que se ocupam do homem: e é evidente que, sendo portanto primeiro "humanas", são automaticamente "sociais". (...) É impossível dissimulá-lo: a distinção entre ciências sociais e ciências humanas rebenta por todos os lados" (Lévi-Strauss 1973: 356). (Traduzimos).

¹⁷ Mas seria também legítimo utilizar a perspectiva simétrica, "estudo dos fenómenos sociais, entre os quais os fenómenos humanos", embora, como veremos, as consequências de uma ou outra sejam diferentes (e complementares).

¹⁸ *Les sciences sociales dans l'enseignement supérieur : sociologie, psychologie sociale et anthropologie culturelle*, Paris, Unesco, 1954.

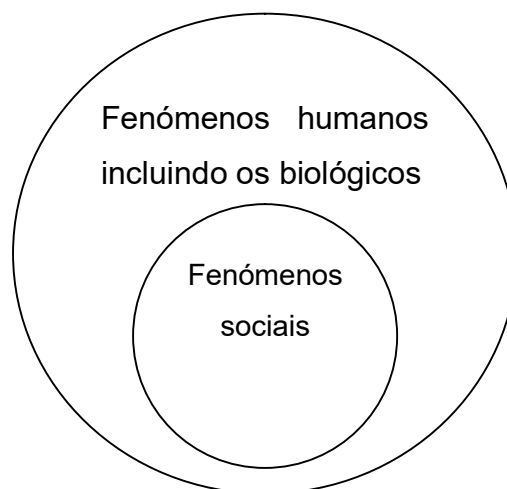
Conforme o leitor terá notado, a questão lógica subjacente às posições de C. Lévi-Strauss resolve-se incluindo todos os fenómenos *humanos* no domínio dos fenómenos *sociais*, o que ilustra o diagrama seguinte:

Figura 1



Ao afirmar, como vimos na citação acima transcrita, « *il est évident que les phénomènes sociaux dépendent de tous les caractères de l'homme, y compris les processus psychophysiologiques* », expressão que sugere que os fenómenos sociais humanos não só "dependem" como estão porventura incluídos num conjunto mais vasto de fenómenos (por exemplo os fenómenos biológicos em geral), Piaget está, sem fazê-lo com nitidez, a propor um arranjo simétrico do precedente:

Figura 2



Na verdade, alguma clareza quanto às relações entre estes conjuntos apenas poderá ser conseguida se as explorarmos de maneira mais sistemática.

De facto, teremos que partir de três noções e da respectiva negação: biológico / não biológico, "humano" / não humano e "social" / não social.

Depressa nos apercebemos que, se uma parte dos fenómenos humanos é social, outra não o é (nem a física, a química, nem toda a biologia dos humanos podem ser ditas, com propriedade, "sociais", embora a socialidade influa sobre o seu "suporte físico", comandando sem dúvida em parte a sua evolução). Reciprocamente, se uma parte dos fenómenos sociais é humana, outra o não é, o mesmo se aplicando aos fenómenos biológicos. Com efeito, existem fenómenos sociais (e fenómenos biológicos) para além dos que são próprios da espécie humana. Resta um problema – todo o "social" estará inteiramente incluído no "biológico"? – Que resolveremos, de modo provisório, pela negativa, considerando que o "social" é um nível emergente, que se diferencia *progressivamente* do seu substrato biológico, tendo em conta que certas descrições das relações entre bactérias ou entre células pretendem que a única maneira de dar conta da formação de certos agregados e do seu desenvolvimento é o recurso à noção de socialidade. Mas esta noção exige, neste novo âmbito, uma reconstrução ortogonal em relação à perspectiva dos níveis fenomenológicos, como mais adiante (na secção 3.7) explicaremos.

Perdidas as cómodas referências que ainda fornece a estratificação dos níveis, o investigador em CS encontra-se perante um contínuo que o convida a tentar a circulação dos conceitos entre disciplinas até há pouco consideradas como possuindo objectos radicalmente distintos¹⁹.

Enfim, os fenómenos "humanos" são em parte biológicos – o humano é em parte biológico e a biologia humana é uma parte da biologia. O que nos conduz a enunciar que, ao contrário do que afirmava Lévi-Strauss, nem tudo o que é humano é social (e nem tudo o que é social é humano).

Assim:

¹⁹ "Gonium is a coalition. *Volvox*, on the other hand, is a collaboration, tens of thousands of cells forged into a "whole functioning interdependently"—the *Oxford Dictionary* definition of a society. Such teamwork is possible only because the members of *Volvox* have evolved one additional, priceless faculty: language.

Cooperation and specialization also allow a cellular society—even one as simple as *Volvox*—to exploit natural resources and cope with emergencies in ways that are simply beyond the reach of a single cell", escreve Debra Niehoff em *The Language of Life* Niehoff, D. (2005). [The Language of Life](http://www.nap.edu/books/0309089891/html/), Joseph Henry Press.. Consulta do texto integral em linha:

<http://www.nap.edu/books/0309089891/html/>

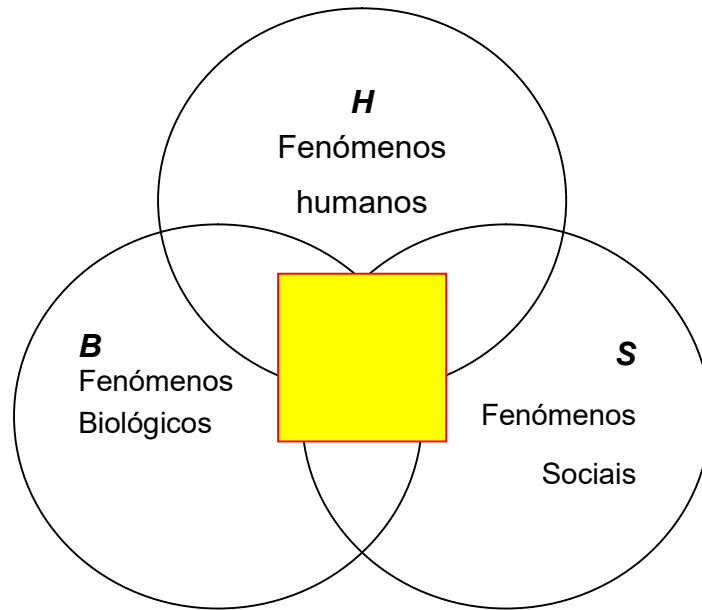


Figura 3

Podemos portanto considerar que existe uma intersecção não vazia entre B, S e H, ($B \cap S \cap H$), fenómenos sociais humanos sob dependência biológica directa. As intersecções dos conjuntos tomados dois a dois também são significativas: ($S \cap H$), fenómenos sociais humanos (ou humanos de carácter social); ($B \cap H$), fenómenos biológicos humanos (as características biológicas da espécie humana); enfim, ($B \cap S$), os fenómenos sociais enquanto directamente ligados ou dependentes da biologia.

Desta análise resulta ainda uma relação evidente (existe um conjunto de fenómenos sociais dos quais uma parte diz respeito aos humanos), que pomos em destaque com o diagrama seguinte:

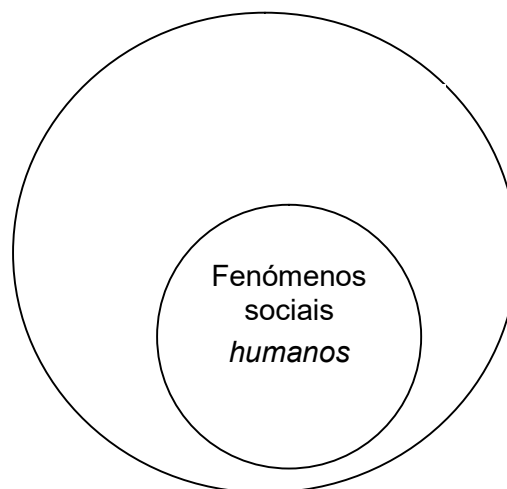


Figura 4

2.4. Objectos complexos e conjuntos de pontos de vista: "Ciências do Homem" ou "Ciências do Social"

Já vimos que J. Piaget utilizava uma categoria geral para designar as "ciências sociais e humanas", que era a de "ciências do Homem". Os títulos que escolhia para duas das suas obras exprimiam aliás, à partida, a importância que lhe accorda: *Epistemologia das ciências do Homem*, e *A situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências*²⁰.

Ora, se as duas expressões "ciências humanas" e "ciências sociais" são construídas do mesmo modo, usando um adjectivo qualificativo para distinguir tanto umas como outras em relação à ciência em geral e por oposição às "ciências naturais" ou às chamadas "ciências exactas", também elas nomeadas de acordo com idêntico esquema gramatical, a verdade é que estas designações suscitam, também elas, confusão e tornam-se obstáculos a uma pedagogia introdutória aos domínios das ciências, muito para além daquele, restrito, que nos ocupa. Inevitavelmente, até no espírito dos menos curiosos surgirá a questão de saber se todas as ciências não serão, dada a natureza do trabalho científico, "humanas".²¹

Ao reconhecer este imbróglio, J.-M. Berthelot sugere que dissipemos o fascínio que provocam os adjectivos, para especificar as ciências de acordo com a natureza do seu objecto, propondo a expressão de "*ciências do social*", que indica, em nosso entender, a direcção correcta, como adiante veremos. Todavia, o autor não explora a vantagem da mudança de terminologia, e permanece numa indecisão que constitui obstáculo à clarificação – e ao projecto pedagógico:

« Cette dénomination n'est pas pleinement satisfaisante et reste ambiguë. Mais les interrelations entre disciplines au sein des sciences humaines et sociales sont si larges et

²⁰ Respeitamos as maiúsculas do original.

²¹ No espírito dos mais críticos, sob a incitação do físico J.-M. Lévy-Leblond, aparece, como vimos, a questão de saber se todas as ciências não serão, num sentido aliás bastante forte, "sociais". E o certo é que todas serão, sem excepção, "naturais", visto que nenhuma delas pode reivindicar um estatuto sobrenatural, ou extranatural.

complexes que tout découpage est partiellement arbitraire. Pourquoi ne pas traiter chaque discipline séparément ? Ou ne conserver que la sociologie, l'ethnologie et la démographie ? Pourquoi couper ainsi la psychologie sociale du reste de la psychologie et l'anthropologie culturelle et sociale (autre nom de l'ethnologie) de l'anthropologie physique et de la paléontologie ?

Pourquoi ne pas leur adjoindre les sciences politiques ? Les frontières entre disciplines sont, au regard de leur histoire, si poreuses et fluctuantes que l'on passe de l'une à l'autre sans véritable seuil. Dans un tel contexte, tout regroupement est contestable. » (Berthelot 2001: 203).

O que o autor procura descrever é o “espaço epistémico comum” a este pequeno conjunto de disciplinas, cuja escolha se encontraria justificada, não em nome da sua pertença a um campo sobremaneira complexo e fluido, ou da sua diferença em relação aos outros elementos do mesmo campo, mas em nome da existência de um espaço epistémico característico. Já voltaremos a este ponto.

Vejamos porém, sem mais tardar, quais as consequências da substituição do processo adjectivante (“ciências humanas”, CS), pela introdução do objecto na forma substantiva, como em “ciências do Homem” (Piaget) ou “ciências do social” (Berthelot).

Se admitirmos que as “ciências do Homem” são todas aquelas que são susceptíveis de contribuir para o estudo de um certo aspecto da humanidade do Homem, somos obrigados a incluir no elenco pelo menos a Física, a Química, a Biologia²², a Etologia, as ciências do social, a Linguística, as Humanidades, etc. Tal situação não seria inédita, se atentarmos no perfil reivindicado por uma Antropologia global, que inclui tanto a Antropologia Física como a Antropologia social e a Antropologia Cultural. Mas a sua vantagem é que ela nos obriga a manter aberto o leque das disciplinas susceptíveis de ser mobilizadas para o conhecimento do Homem (ainda que do ponto de vista da sua especificidade em relação a outras espécies). Na realidade, qualquer ciência pode num momento dado tornar-se uma “ciência do Homem”, se se consagrar ao seu estudo. Esta situação ainda é menos aberrante se, para além deste exemplo, nos recordarmos do modo como se construíram certos conjuntos de ciências, como as “Ciências da Saúde”, ou as “Ciências da Educação”: um objecto complexo torna-se o ponto de convergência

²² Na qual, embora de modo algo forçado, deveríamos incluir as ciências particulares e suas aplicações no domínio da saúde e da doença (medicina, etc.).

(especialização, aplicação) de numerosas ciências que se desenvolveram, de início, de modo independente.

O perfil das "ciências do Homem" enquanto configuração complexa e aberta designa uma realidade interessante: um programa científico (Lakatos) dirigido para o conhecimento global do Homem, que mais não é, num certo sentido, que o projecto de uma Antropologia geral.²³

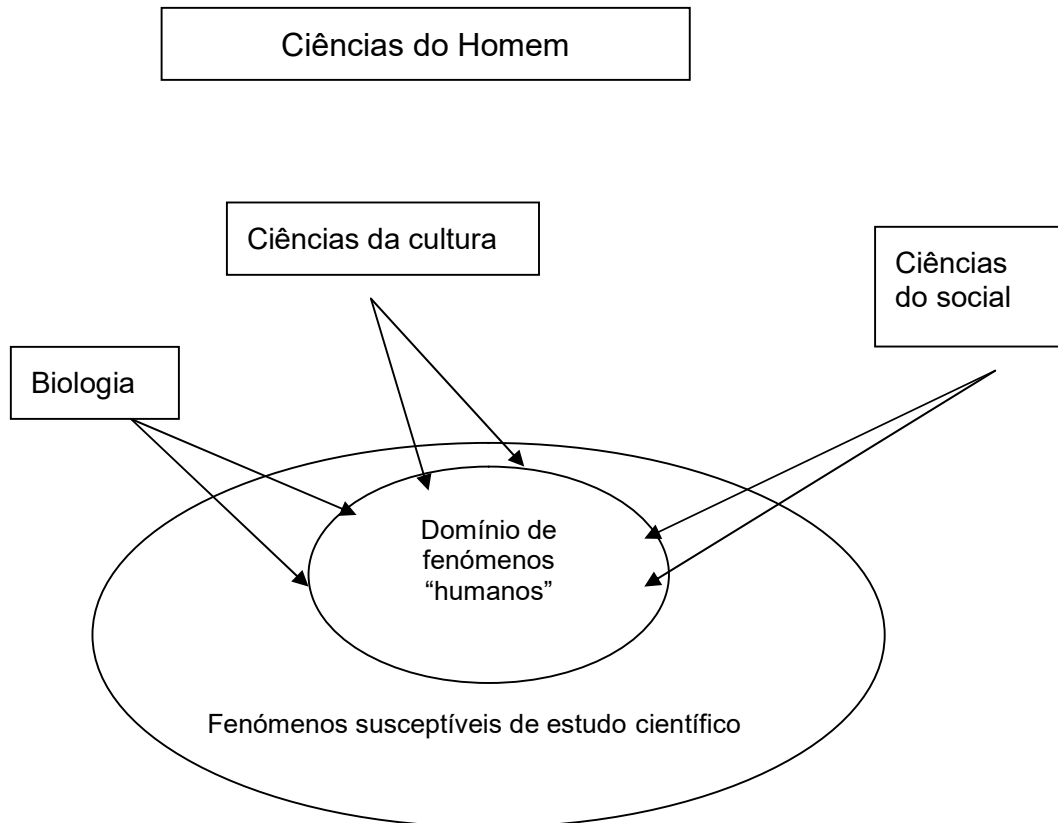


Figura 5

A solução proposta por Berthelot – considerar as "ciências do social", tem um alcance diferente, embora seja logicamente análoga, pois sugere a existência de um tipo de objectos ou fenómenos, "o social", que se tornará objecto de estudo por parte de diferentes disciplinas. Desta feita, não são os limites da espécie (*Homo sapiens sapiens* L.) que definem o âmbito comum no qual se

²³ Uma das oposições clássicas, cuja ausência o leitor provavelmente estranhará, é que agitou a "Methodenstreit" – querela do método no século XIX, em redor da distinção entre "ciências do espírito" (Dilthey), ciências da cultura, ciências morais (Hayek) por um lado e ciências da natureza", por outro. Deixamos de lado um debate importante, mas sobejamente balizado, que nos obrigaria a desenvolvimentos que não cabem aqui.

constroem os objectos das diversas ciências, mas um *tipo de fenómenos* (os fenómenos "sociais") sobre o qual convergem os diferentes pontos de vista. Com base num diagrama de Wenn, a proposta de Berthelot exprime-se como segue.

Sendo os fenómenos "sociais" um subconjunto dos fenómenos susceptíveis de ser estudados pelas ciências, é o facto de construírem os seus objectos a partir deste mesmo domínio de fenómenos que faz das diversas disciplinas "ciências do social", ou, mais trivialmente, "ciências sociais".

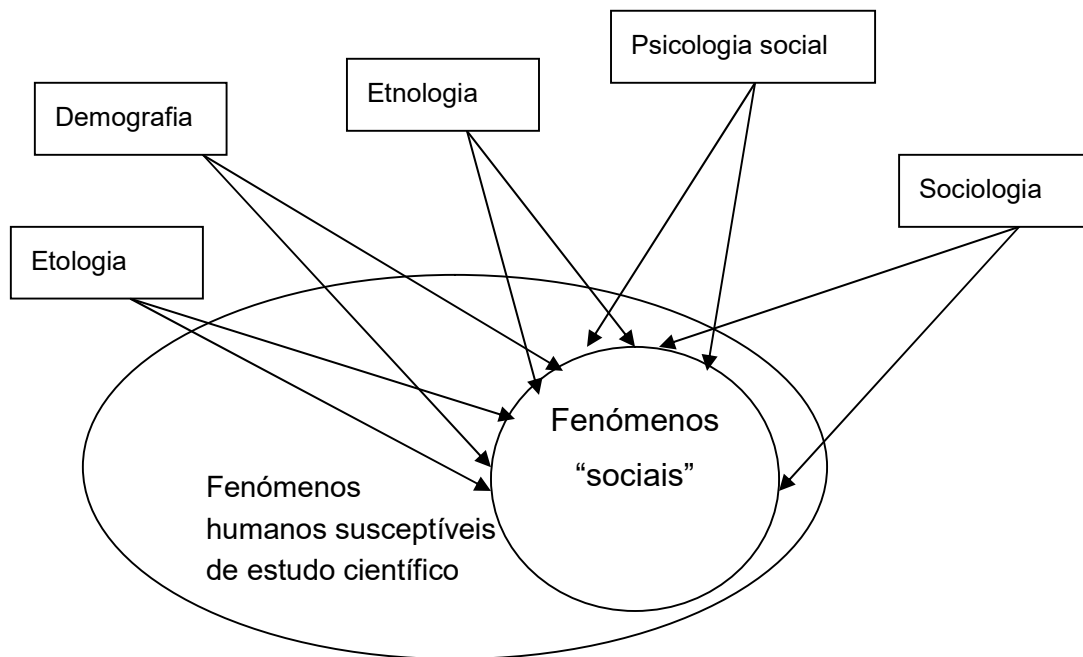


Figura 6

A posição de Berthelot apresenta vantagens inegáveis, ao libertar-nos da exigência de uma enumeração tanto restritiva como exaustiva, das "ciências do social", visto que toda as disciplinas que tomam a seu cargo o estudo de fenómenos sociais (ou são susceptíveis de vir a fazê-lo de um modo ou de outro) são, ou se convertem em "ciências do social"²⁴.

²⁴ A estrutura dos campos de saberes construídos a partir de perspectivas múltiplas incidindo sobre objectos particulares manifesta-se nos campos cuja denominação recorre à expressão "ciências de...". Dois exemplos: as "Ciências da Educação" (História da E., Sociologia da E., Economia da E., Psicologia da E., Filosofia da E., Políticas E., etc.) e as "Ciências da Saúde" (Ciências Médicas (Anatomia, Fisiologia, Patologia), Bioquímica, Farmacologia, História da M., Sociologia da M., Filosofia da M., Sociologia da Saúde, Economia da S., Psicologia da S., Políticas de S., etc.).

Contudo, se na aproximação piagetiana a dificuldade inicial incidia na definição de "humano", nesta proposta ela reside, evidentemente, na definição da classe de fenómenos qualificados de "sociais"; Ora, tal definição está ausente não só dos contributos de Berthelot, como dos textos dos seus co-autores. Mas não podemos considerá-los excepções, como resulta de algumas das referências acima mencionadas, ou de outras, como a do manual introdutório de Luc Van Campenhoudt, cuja conclusão tem por título "Pensar o social", sem que possamos descortinar, nem na conclusão nem no corpo da obra, uma proposta de definição criteriosa do "social" enquanto conceito (Campenhoudt 2003). O que poderá bem ser "o social" sobre o qual assenta a definição de um campo disciplinar especial? Temos que constatar que ou o conceito é considerado como uma evidência, cuja especificação é inútil, ou, mais verosimilmente, constitui um impensado, tanto mais nocivo que o seu lugar é absolutamente central. "O que é o social?" é a pergunta que decorre, inevitável, do percurso de Berthelot, pergunta à qual voltaremos na *Lição de síntese*.

As tentativas de organização do campo científico em geral, do campo específico das "ciências humanas" (ou "do Homem") e/ou das "ciências sociais" (ou "do social"), quando conduzidas a partir da definição de um domínio preferencial de fenómenos, desembocam nas dificuldades de definição que acima identificámos. Esta terá sido uma das razões que levaram C. Lévi-Strauss, J. Piaget e mais recentemente Berthelot a adoptar uma perspectiva complementar, de índole epistemológica e metodológica²⁵.

2.5. Contrastes metodológicos, diferenças epistemológicas

Apesar do julgamento reservado que emite sobre a possibilidade da distinção entre "ciências humanas" e "ciências sociais", Lévi-Strauss pensa mesmo assim poder salvá-la, recorrendo ao critério de generalidade dos objectos e dos programas científicos, "único princípio concebível da distinção entre ciências sociais e ciências humanas": as ciências sociais são "todas aquelas que aceitam sem reticência colocar-se debaixo do manto da sua própria sociedade" (porque estudam fenómenos peculiares às sociedades ocidentais

²⁵ Seria injusto esquecer os contributos de G.-G. Granger a esta problemática. Ver por exemplo duas das suas obras mais conhecidas GRANGER, G. G. (1967). *Pensée formelle et sciences de l'Homme*. Paris, Aubier., GRANGER, G. G. (1979). *Langages et épistémologie*. Paris, Klincksieck..

contemporâneas, enquanto as ciências humanas "são as que se colocam fora de qualquer sociedade particular", porque o seu projecto consiste em estudar fenómenos universais, presentes em todas as sociedades humanas. C. Lévi-Strauss tenta assim estabelecer critérios de organização dos saberes que ultrapassem os agrupamentos puramente contingentes, como os que a história concreta de cada país foi produzindo.

Passando ao nível prático, no arranjo institucional em três faculdades que propõe, C. Lévi-Strauss coloca na de "ciências sociais" "os estudos jurídicos, as ciências económicas e políticas e certos ramos da sociologia e da psicologia social", enquanto "do lado das ciências humanas se agrupariam a pré-história, a arqueologia e a história, a antropologia, a linguística, a filosofia, a lógica, a psicologia"²⁶.

Todavia, num texto anterior, aliás citado no estudo de 1964, a tentativa de classificação das CSH assentava na oposição dos programas científicos examinados de acordo com o critério da *dupla relação entre observação empírica e construção de modelos*, e, respeitante a estes, com a distinção entre modelos estatísticos e modelos mecânicos (Lévi-Strauss 1958). Deste modo, o autor pensava poder organizar "a massa confusa que oferecem à primeira vista as ciências sociais e humanas, e dela extrair, senão as próprias disciplinas, pelo menos certos problemas e a maneira de os tratar, que autorizam a aproximação entre as ciências do homem e as da natureza. Ora, nesta perspectiva, história e sociologia (acima consideradas a primeira, CH e a segunda, CS), encontram-se reunidas pelo facto de produzirem modelos estatísticos (susceptíveis de tratar os seus objectos enquanto *generalia*), mas separadas da etnografia e da etnologia, que se situam do lado da observação empírica (do concreto, local, e portanto estudando fenómenos próprios a uma sociedade situada no tempo e no espaço, que L.-S. qualifica de *realia*). Lévi-Strauss sugere ainda que outras dimensões podem ser acrescentadas, com o intuito de dar conta da organização dessas ciências, como sejam as que opõem "observação e experimentação, consciência e inconsciência, estrutura e medida, tempo mecânico e reversível, tempo estatístico e irreversível (...)." (ibidem, 350). Forçoso é, infelizmente, constatar que nem a "oposição" principal conduz, nem as dimensões complementares sugeridas, a serem integradas na descrição, conduziriam de maneira unívoca à arrumação proposta para as duas das três faculdades distintas. A verdade é que cada uma das ciências propostas como exemplos pode, por seu turno, ser considerada enquanto

²⁶ A terceira faculdade seria a de "artes e letras".

objecto complexo, classificável ora de um modo ora de outro, consoante os pontos de vista adoptados. Por outras palavras, nenhum dos critérios avançados por C. Lévi-Strauss é suficiente para fundar uma categorização como a que propõe. Tal é a conclusão a que chegam também, outros estudiosos desta proposta, como por exemplo E. Ortigues (Ortigues 1990).

Jean Piaget que, como vimos na passagem citada por Dortier, é tentado em eliminar a distinção CS / CH, adopta a denominação de "ciências do Homem", não só no livro donde é extraída a citação, como em outra obra, anterior, intitulado "*A situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências*" (Piaget 1970). No texto de que Piaget retoma a ideia principal, o autor prosseguia: "A distinção só faria sentido (e é esta a hipótese que está na sua origem) se pudessemos dissociar no homem aquilo que provém das sociedades particulares em que vive e o que constitui a natureza humana universal." Pondo de lado a oposição entre inato e adquirido, Jean Piaget conclui: "Assim, nada impede que a "natureza humana" comporte, entre outras, contrariamente ao que se pensava no tempo de Rousseau, a exigência de se pertencer a sociedades particulares, de tal maneira que é cada vez maior a tendência para não conservar nenhuma distinção entre as ciências chamadas sociais e as designadas por humanas (Piaget 1970: 17-18)²⁷. O autor inscreve-se deste modo contra a conceptualização de Lévi-Strauss, que assentava precisamente na diferenciação entre ciências cujo objecto é concreto, local, situado num tempo e num espaço particulares (os "*realia*"), e ciências cujo objecto se constrói a partir de uma perspectiva abrangente, visando as determinações universais válidas num tempo e num espaço que se confundem com os da espécie (a que chama "*generalia*"). O caminho fica por conseguinte aberto, na opinião de Piaget, para uma nova organização conceptual do campo das "ciências do homem", onde conviria distinguir "quatro grandes conjuntos":

"1. As *ciências nomotéticas*", "disciplinas que procuram extrair "leis" (...);

²⁷ Curiosamente, Piaget parece considerar que "social" é sinónimo de particular, como se, pelo facto que apenas podemos observar formas sociais particulares, e não o social em geral, as ciências do social fossem irremediavelmente ciências votadas à descrição de formas concretas. Na realidade, nenhuma ciência observa os fenómenos que lhe interessam, "em geral", mas sempre sob a forma concreta, particular que manifestam ao observador. Mas é a partir das manifestações concretas que se constroem as teorias (todas as teorias) gerais, em CS e além delas.

"2. As *ciências históricas* do homem, as disciplinas cujo objecto é reconstituir e compreender o desenrolar de todas as manifestações sociais no decurso do tempo" (...);

"3. As *ciências jurídicas*" diferenciadas pelo facto de o direito constituir um sistema de normas", sendo estas "uma categoria à parte, que é a do dever ser (*sollen*).". Por fim,

"4. As *disciplinas filosóficas*", que são "um grupo particularmente difícil de classificar."

É claro que existem (como em todas as classificações de objectos, lembra o autor, bem colocado para sabê-lo, visto que consagrou uma vasta obra ao estudo da génese dos processos classificatórios nas crianças), entre as numerosas disciplinas assim consideradas, casos ambíguos que são "múltiplos termos de transição" entre classes, mas, para Piaget, "a divisão das ciências ou disciplinas segundo as quatro categorias que acabámos de distinguir parece corresponder ao estado actual do saber" (Piaget 1970: 19-31).

Estas proposições de Piaget são bem conhecidas, frequentemente retomadas pelas obras introdutórias²⁸, e a sua discussão aprofundada não só nos afastaria do nosso propósito, como exigiria um espaço que não pode proporcionar uma introdução a um curso de ICS. Mas não podemos deixar de assinalar quanto esta classificação não elimina a questão, colocada por Lévi-Strauss, da diferença que separa as ciências de acordo com os objectivos e as modalidades segundo as quais se constroem, à volta dos objectos que constroem, que ora são particulares, situados em tempos e espaços restritos ora são gerais, visando as determinações universais. Piaget mais não faz do que deslocar o problema. Com efeito, deixando de lado os dois últimos grupos de disciplinas, a oposição entre ciências "históricas" e ciências "nomotéticas" recobre, de modo bastante fiel, a oposição entre as ciências dos "*realia*", e as ciências dos "*generalia*". Ora, é precisamente em nome desta distinção (cuidadosamente qualificada), que J.-C. Passeron defende que "a sociologia é uma ciência histórica", uma ciência das sociedades concretas, necessariamente situadas, enquanto objectos de estudo, no tempo e no espaço, negando-lhe capacidade e até vocação para a enunciação – nomotética – de "leis". E prossegue, logicamente, recusando-lhe pelas mesmas razões a qualidade de "ciência popperiana", por não poder ser submetida ao

²⁸ Por exemplo, Carmo, F. (1990). Introdução às Ciências Sociais. Ponta Delgada, Universidade dos Açores., que também indica bibliografia usual entre nós, sobre esta questão.

regime de "falsificação" que caracteriza a ciência segundo K. Popper, regime que não se aplica à descrição de objectos concretos, únicos, situados num determinado tempo e no espaço, mas apenas a domínios de fenómenos susceptíveis de manifestar-se em séries quantificáveis, reproduzíveis, cuja regularidade se torna o objecto da formulação de "leis". Nenhuma sociedade se reproduz como uma sequência de acontecimentos homogêneos, nem as sociedades se sucedem como elementos de séries homogêneas.

A constatação do estado caótico da reflexão sobre os saberes do Homem e da sociedade (que atinge também os próprios saberes) está na origem do trabalho colectivo dirigido por J.-M. Berthelot, cuja ambição é ordenar o campo científico que nos interessa – que designa como o das "ciências sociais", a partir de uma fundamentação epistemológica: a procura de um "espaço epistémico comum" às CS (e, por hipótese, próprio destas).

« Notre objectif est d'abord analytique et descriptif : Comment, au sein des disciplines retenues, s'opère la production de connaissances? Quels dispositifs sont mis en œuvre, quels instruments utilisés, quelles opérations de pensée privilégiées ?

À ce premier objectif s'en ajoute un second, *critique* et *normatif* : Quelle valeur peut-on accorder à la connaissance ainsi produite ? Notre hypothèse générale est que les quatre disciplines choisies participent d'un espace épistémique commun, c'est-à-dire d'un espace de connaissance qui, par-delà ses différences et ses clivages, est à même de révéler des mouvements et des processus de nature similaire. » (Berthelot 2001 :204) (O sublinhado é meu).

Ora, o que é certo é que, apesar do « satisfecit » que G.-G. Granger (nome e obra cujo peso no debate costuma ser decisivo) terá dado à classificação das ciências sociais por J.-M. Berthelot, a tentativa suscita reservas formuladas, algumas delas, pelos seus co-autores, que somos obrigados a subscrever.

Com efeito, a obra colectiva entende apresentar "a epistemologia das ciências sociais", mas estabelece, na organização dos capítulos que adopta, algo como dois círculos concêntricos, visto que considera por separado as "ciências históricas" (Jacques Revel), a geografia (Jean-François Staszak), a ciência económica (Bernard Walliser), e as "ciências do social" (sociologia, etnologia, demografia, psicologia social), tratadas, como vimos, por Berthelot, e exclui as ciências jurídicas e as ciências políticas, em virtude do seu carácter normativo. Mas, escreve C. Kosmopoulos, todas as ciências escolhidas têm em comum o facto de

"problématiser des formes d'interactions entre "actants", quel que soit le nom qu'on leur donne (agents, acteurs, locuteurs, forces sociales, voire institutionnelles), le niveau d'analyse

privilégié (celui des structures ou celui des processus) ou la forme explicative retenue (modélisation ou récit) " (Kosmopoulos 2002).

Todavia, no capítulo que segue o de Berthelot, Ruwen Ogien contesta a escolha efectuada pelo primeiro e propondo que «se reserve a apelação “ciências sociais” às disciplinas que se especializam nos objectos ou nas propriedades sociais, como o seu nome indica (sociologia, antropologia social e cultural, psicologia social». Ogien exclui, da lista restrita de Berthelot (“ciências do social”), a demografia, e da lista das ciências de que trata a obra no seu todo (intitulada “epistemologia *das ciências sociais*”), as “ciências históricas”, a geografia, a economia. Sugestões que nos parecem pelo menos duvidosas, pois não só excluem disciplinas cujos objectos são de natureza claramente “social” (pelo menos a economia, a história²⁹), como incluem uma disciplina – a Antropologia *cultural* que poderia ser considerada à parte.

Em resumo, conquanto admitamos a possibilidade da determinação de um espaço epistémico comum às “ciências do social” e ainda que aceitemos como *necessária* a caracterização que Berthelot dele propõe, esta não pode ser tida como suficiente para delimitar o campo das CS em relação aos restantes, nem para descrever a sua organização interna em diferentes disciplinas.

Referências

- Aron, R. (1962). Dix-huit leçons sur la société industrielle. Paris, PUF.
- Beitone, A., C. Dollo, et al. (2000). Sciences sociales. Paris, Sirey.
- Berthelot, J.-M. (2001). Les sciences du social - Ch. 5. Epistemologie des sciences sociales. J.-M. Berthelot. Paris, PUF: 203-265.
- Bouthoul, G. (1950). Histoire de la sociologie. Paris, PUF.
- Campehouth, L. V. (2003). Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais. Lisboa, Gradiva.
- Carmo, F. (1990). Introdução às Ciências Sociais. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- Deshaies, B. (1997). Metodologia da Investigação em Ciências Sociais. Lisboa, Instituto Piaget.

²⁹ Sendo a demografia uma disciplina híbrida que ao social alia a biologia, mas onde apesar de tudo a explicação assenta na quase totalidade dos casos em fenómenos de natureza social.

- Dogan, M. and R. Pahre (1990). Les sciences sociales: segmentations et croisements. Encyclopaedia Universalis. E. Universalis. Paris, Encyclopaedia Universalis. **Symposium, 2**: 1119-1126.
- Dortier, J.-F. (1998). Les sciences humaines, Editions Sciences Humaines.
- Foucault, M. (1966). Les Mots et les Choses, Archéologie des sciences humaines. Paris, Gallimard.
- Foucault, M. (1969). L'Archéologie du Savoir. Paris, Gallimard.
- GRANGER, G. G. (1967). Pensée formelle et sciences de l'Homme. Paris, Aubier.
- GRANGER, G. G. (1979). Langages et épistémologie. Paris, Klincksieck.
- Gurvitch, G., Ed. (1962). Traité de Sociologie. Paris, PUF.
- Kosmopoulos, C. (2002). "Compte rendu de lecture, J.-M. Berthelot 2001, Epistemologie des Sciences Sociales." Cybergeog.
- LATOUR, B. (1994). Nous n'avons jamais été modernes: essai d'anthropologie symétrique. Paris, La Découverte.
- LATOUR, M. C. B., Ed. (1991). La science telle qu'elle se fait. Paris, La Découverte.
- Lestel, D. (1996). L'animalité. Essai sur le statut de l'humain. Paris, Hatier.
- Lestel, D. (2001). Les origines animales de la culture. Paris, Flammarion.
- Lévi-Strauss, C. (1958). La notion de structure en ethnologie. Anthropologie structurale: 303-351.
- Lévi-Strauss, C. (1958). Place de l'anthropologie dans les sciences sociales et problèmes posés par son enseignement. Anthropologie structurale. C. Lévi-Strauss. Paris, Plon: 377-418.
- Lévi-Strauss, C. (1973). Critères scientifiques dans les disciplines sociales et humaines. Anthropologie structurale deux: 339-364.
- Mercier, P. (1966). Histoire de l'anthropologie. Paris, PUF.
- Mercier, P. (1968). La Notion de Culture. Ethnologie Générale. J. Poirier. Paris, Encyclopédie de la Pléiade: 905-929.
- NADEL, S. F. (1970). La théorie de la structure sociale. Paris, Minuit.
- Niehoff, D. (2005). The Language of Life, Joseph Henry Press.
- Ortigue, E. (1990). Sciences Humaines. Encyclopedia Universalis. E. Universalis. Paris, Encyclopaedia Universalis. **20**: 735-740.
- Piaget, J. (1970). A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências. Amadora, Livraria Bertrand.
- Quivy, R. and L. V. Campenhoudt (1997). Manual de Investigação em Ciências sociais. Lisboa, Gradiva.
- Riutort, P. (1999). Primeiras lições de sociologia. Lisboa, Gradiva.
- Tinland, F. (1977). La différence anthropologique. Essais sur les rapports de la nature et de l'artifice. Paris, Aubier-Montaigne.